REVISTA
Mosaicum
TRADUÇAO
Recebido
20 abril 2025
Aprovado
30 maio 2025

POEMAS INICIAIS DE "LES HEURES CLAIRES", DE ÉMILE VERHAEREN

INITIAL POEMS OF "LES HEURES CLAIRES", BY ÉMILE VERHAEREN

Flávio R. Kothe
Doutor em Letras - Teoria Literária e Literatura Comparada (Universidade de São Paulo)
E-mail: frkothe@unb.br

DOI: https://doi.org/1026893/rm.V41.i41.586

I

Ô *notre joie,*
Qui s'illumine et flotte au vent dans l'air de soie!

Voici la maison douce et son pignon léger,
Et le jardin et le verger.

Voici le banc, sous les pommiers
*D'où s'*éffeuille *le printemps blanc,*
À pétales *frôlants et lents.*

Voici des vols de lumineux ramiers
Planant, ainsi que des présages,
Dans le ciel clair du paysage.

Voici, pareils à des baisers tombés sur terre,
De la bouche du frêle azur,
Deux bleus étangs simples et purs,
Bordés naïvement de fleurs involontaires.

Ô la splendeur de notre joie et de nous-mêmes,
En ce jardin ou nous vivons de nos emblêmes.

I

Oh, a alegria nossa,
Que se ilumina e flutua ao vento no ar de seda!

Eis nossa casa doce e sua leve empena,
E o jardim e o pomar.

Eis aí o banco, sob as macieiras,
De onde se esfolha a primavera branca
De pétalas suaves e lentas.

Eis os voos dos ramos luminosos
Planando, como se fossem presságios,
No céu claro da paisagem.

Eis, como beijos sobre a terra tombados
Da frágil boca do anil,
Dois tanques azuis, simples e puros,
Bordados ingênuos de flores involuntárias.

Oh, esplendor de nossa alegria e de nós mesmos,
Neste jardim em que de emblemas vivemos!

II

Quoique nous le voyions fleurir devant nos yeux
Ce jardin clair où nous passons silencieux
C'est plus encor en nous que se féconde
Le plus candide et doux jardin du monde.

Car nous vivons toutes les fleurs,
Toutes les herbes, toutes les palmes
En nos rires et en nos pleurs
De bonheur pur et calme.

Car nous vivons toute la joie
Dardée en cris de fête et de printemps,
En nos aveux, où se côtoient
Les mots fervents et exaltants.

Oh! dis, c'est bien en nous que se féconde
Le plus joyeux et doux jardin du monde.

II

Mesmo vendo florir ante os nossos olhos
Esse claro jardim em que passamos silenciosos,
É antes dentro de nós que se mostra fecundo
O mais cândido e doce jardim do mundo.

Pois nós vivemos toda flor,
E cada erva e cada palma,
Em nosso riso e em nosso pranto
Da alegria pura e calma.

Pois nós vivemos toda alegria
Lançada em gritos de festa e primavera,
Nos encontros em que se trocam
Palavras ferventes e exaltadas.

Oh, confesse, é bem em nós que se fecunda
O mais feliz e doce jardim do mundo!

III

Ce chapiteau barbare, où des monstres se tordent,
Mêlés entre eux, à coups de griffes et de dents,
En un tumulte fou de sang, de cris ardents,
De blessures, et de gueules qui s'entre-mordent,
C'était moi-même, avant que tu fusses la mienne,
Ô toi la neuve, ô toi l'ancienne;
Qui vins à moi, du fond de ton éternité,
Avec, entre tes mains, l'ardeur et la bonté.

Je sens en toi les mêmes choses très profondes
Qu'en moi-même dormir,
Et notre soif de souvenir
Boire l'écho, où nos passés se correspondent.

Nos yeux ont dû pleurer aux mêmes heures
Sans le savoir, pendant l'infance;
Avoir mêmes effrois, mêmes bonheurs,
Mêmes éclairs de confiance;
Car je te suis lié par l'inconnu
Qui me fixait, jadis, au fond des avenues
Par où passait ma vie aventurière;
Et, certes, si j'avais regardé mieux,
J'aurais pu voir s'ouvrir tes yeux
Depuis longtemps, en ses paupières.

III

Bárbaro capitel, onde monstros se retorcem,
grudados a golpes de garras e dentes,
num tumulto de sangue e de gritos ardentes,
e de feridas, e de bocas que se mordem,
esse era eu, antes que tu fosses minha,
oh tu! a nova, oh tu! a antiga,
que vens a mim, do fundo de tua eternidade,
trazendo, entre as mãos, calor e bondade.

Sinto que no fundo dormem em ti
as mesmas coisas que em mim mesmo,
e nossa sede de rememorar
bebe o eco em que nossos passados se fundem.

Nossos olhos devem ter, sem saber,
chorado à mesma hora durante a infância,
provado igual horror, igual ventura
e os mesmos clarões de confiança;
pois fui ligado a ti pelo ignoto
que me fixava, outrora, ao fundo das aleias
por onde passava a minha vida aventureira;
e, por certo, se eu olhasse bem,
teria visto se abrirem os teus olhos
bem depois, em suas pálpebras.

IV

Le ciel en nuit s'est déplié
Et la lune semble veiller
Sur le silence endormi.

Tout est si pur et clair,
Tout est si pur et si calme dans l'air
Et sur les lacs du paysage ami,
Qu'elle angoisse, la goutte d'eau
Qui tombe d'un roseau
Et tinte, et puis se tait dans l'eau.

Mais j'ai tes mains entre les miennes,
Et tes yeux sûrs, qui me retiennent,
Sous leurs regards, si doucement;
Et je te sens si bien en paix de toute chose
Que rien, pas même un fugitif soupçon de crainte,
Ne troublera, fût-ce un moment,
La confiance sainte
Qui dort en nous comme un enfant repose.

IV

O céu em noite se dobra
E a lua parece velar
Sobre o silêncio que dorme.

Tudo é tão puro e claro,
Tudo é tão puro e tão calmo no ar
E nos lagos da amiga paisagem,
Que ela angustia a gota d'água
Que tomba de um caniço
E treme, mas depois na água se cala.

Mas eu tenho tuas mãos nas minhas,
E teus olhos seguros, que me guardam,
Sob esse olhar, tão docemente;
E eu te sinto tão bem, em paz com tudo em torno,
Que nada, nem mesmo um fugaz tremor de susto,
Vem perturbar, sequer por um momento,
A santa confiança
Que dorme em nós como repousa o infante.

V

Chaque heure où je songe à ta bonté
Si simplement profonde,
Je me répands en prières vers toi.

Je suis venu si tard
Vers la douceur de ton regard,
Et de si loin vers tes deux mains tendues,
Tranquillement, vers moi, du fond de l'étendue.

J'avais en moi tant de rouille tenace
Qui me rougeait, à dents rapaces,
La confiance.

J'étais si lourd, j'étais si las,
J'étais si vieux de méfiance,
J'étais si lourd, j'étais si las
Du vain chemin de tous mes pas.

Je méritais si peu la merveilleuse joie
De voir tes pieds illuminer ma vie,
Que j'en reste tremblant encore et presque en pleurs
Et humble, à tout jamais, en face du bonheur.

V

Cada hora em que sonho tua bondade
Tão simplesmente profunda,
A ti me estendo em preces.

Tão tarde acabei advindo
À doçura do teu olhar,
E de tão longe a tuas mãos estendidas,
Tranquilas, a mim, do fundo do infinito.

Eu tinha em mim tantos vícios tenazes
Que me roíam, com dentes rapaces,
A confiança.

Estava tão carregado, tão cansado,
Estava tão repleto de suspeitas,
Estava tão pesado, estava tão cansado
Do vão caminho dos meus passos.

Tão pouco eu merecia a esplêndida alegria
De ver teus pés me iluminarem a vida,
Que ainda fico a tremer e quase a chorar,
E humilde, como nunca, por ser tão feliz.

VI

Tu arbores parfois cette grace bénigne
Du matinal jardin tranquille et sinueux
Qui déroule, là-bas, parmi les lointains bleus,
Ses doux chemins courbés en col de cygne.

Et, d'autres fois, tu m'es le frisson clair
Du vent rapide et exaltant
Qui passe, avec ses doigts d'éclair,
Dans les crins d'eau de l'étang blanc.

Au bon toucher de tes deux mains
Je sens comme des feuilles
Me doucement frôler;
Que midi brûle le jardin,
Les ombres, aussitôt, recueillent
Les paroles chères dont ton être a tremblé.

Chaque moment me semble, grâce à toi,
Passer ainsi, divinement en moi;
Ainsi quand l'heure vient de la nuit blême,
Où tu te cèles en toi-même
En refermant les yeux,
Sens-tu mon doux regard dévotieux,
Plus humble et long qu'une prière,
Remercier le tien sous tes closes paupières.

VI

Tu arvoras por vezes essa graça benigna
De jardim matinal tranquilo e sinuoso
Que estende, lá embaixo, entre azuis distantes,
Doces vias em curvas feito colo de cisne.

E outras vezes tu és o claro tremido
Do vento rápido e exaltante
Que passa, com dedos de raio,
Nas crinas de água do branco lago.

Ao toque bom de tuas mãos
Eu sinto como se folhas
Docemente me roçassem;
Se o meio-dia requeima o jardim,
A seguir as sombras recolhem
As palavras caras em que teu ser tremeu.

Cada momento me parece, graças a ti,
Passar assim, divinamente, em mim;
E quando a noite vem, palidamente,
E tu te encerras em ti mesma
Ao cerrar os olhos,
Tu sentes meu doce olhar, devoto,
Mais longo e humilde que uma prece,
A agradecer o teu sob tuas pálpebras cerradas.